



A doutrina musicalizada da Barquinha: as relações entre música mediúmica e a constituição da cosmologia de uma tradição religiosa amazônica.

The musicalized doctrine of Barquinha:
the relations between mediumistic music and the constitution of cosmology of an
Amazonian religious tradition.

Daniel Castro Montoya Flores

Resumo: As relações entre a música e a formação e constituição da doutrina da Barquinha, uma das tradições religiosas amazônicas que utilizam a ayahuasca em seus rituais, é o eixo central das análises produzidas em torno desta investigação. Este artigo tem como objetivo descrever o universo musical que vem sendo formatado nas diversas comunidades ligadas a esta linha. Analisamos a simbiose que ali ocorre entre as experiências humanas, os sincretismos, as influências culturais e um fenômeno mediúmico, o *ato de receber hinos* que, segundo a crença dos nativos, são as revelações divinas que seriam enviadas aos fiéis em forma de cânticos cujos textos são a base da fé e da doutrina deste segmento religioso.

Palavras chave: Religião, Música, Barquinha, Mediunidade, Ayahuasca.

Abstract: The relationships between music and the formation and constitution of the Barquinha doctrine, one of the Amazonian religious traditions that use ayahuasca in their rituals, is the central axis of the analyze in this investigation. This article aims to describe the musical universe of the various communities of this spiritual lineage. We analyze the symbiosis that occurs between human experiences, syncretisms, cultural influences and a mediumistic phenomenon, the *act of "receiving" or channeling hymns*, which, according to the practitioners' belief, are divine revelations sent to the faithful in the form of songs whose texts are the basis of the faith and doctrine of this religious practice.

Keywords: Religion, Music, Barquinha, Mediumship, Ayahuasca.

Introdução

O presente trabalho aborda um fenômeno social que ocorre na primeira metade do século XX em plena selva amazônica: uma tradição religiosa sincrética oriunda da síntese de elementos do catolicismo popular, espiritismo, umbanda, xamanismo e que utiliza a Ayahuasca¹ em seus rituais. Esta doutrina cristã, popularmente conhecida como Barquinha,² foi fundada pelo maranhense Daniel Pereira de Mattos³ em Rio Branco, capital do estado Acre no ano de 1945.

¹ Trata-se de um chá utilizado em rituais religiosos, mais adiante falaremos mais sobre isto.

² Apesar de haver membros que, declaradamente, não reconhecem o nome Barquinha, utilizarei o referido nome, por considerar que existe uma unanimidade, internamente e externamente, ou seja, dentro do grupo, e fora dele em reconhecer o nome Barquinha para se referir à linha religiosa fundada por Daniel Pereira de Mattos.

³ De acordo com os relatos obtidos, outros nomes são utilizados para referir-se a Daniel Pereira de Mattos, por exemplo: Mestre Daniel, Frei Daniel e O Fundador.

A música é um elemento de fundamental importância na Barquinha. O hinário é o conjunto de cânticos entoados em seus rituais que, segundo a tradição, são recebidos espiritualmente pelos membros da casa através de um fenômeno mediúnico. Podemos afirmar que estas mensagens melodiosas, sagradas para os fiéis, são o cerne desta tradição, pois todos os rituais giram em torno dos hinos, salmos, benditos⁴ e pontos que são os nomes que os nativos as nomeiam.⁵

De 1945 até os dias atuais, em virtude de dissidências e ramificações, diversas comunidades surgiram em torno desta linha religiosa. O presente artigo tem o objetivo de investigar, à luz da musicologia e de outras disciplinas correlatas, este fenômeno musical e social que alimenta a fé e a religiosidade dos membros destas comunidades. Pretendemos com isso, contribuir para o preenchimento de algumas lacunas que hoje existem em torno de dois temas que aos poucos vêm ganhando espaço no mundo acadêmico.

O primeiro tema é o universo das religiões ayahuasqueiras, e em particular o que está sendo chamado de “Música brasileira de Ayahuasca” (LABATE e PACHECO, 2009). Atualmente, existem alguns trabalhos nesta área abordando outras religiões ayahuasqueiras, como por exemplo, o Santo Daime e a União do Vegetal (UDV), porém, até o presente momento, não tivemos acesso a nenhuma abordagem aprofundada sobre a música da Barquinha em trabalhos já publicados.

O segundo assunto é a relação entre música x mediunidade, um tema que foi abordado no PHD de Melvyn J. Willin (1999): *Paramusicology: An investigation of music and paranormal phenomena*, no qual o autor investiga as seguintes questões: música e telepatia, música escrita por médiuns profissionalmente contatados por compositores mortos; sons musicais sendo articulados em locais onde a fonte física do som é desconhecida e presumida ser paranormal.

Nosso objeto de pesquisa descende de um longo trabalho de campo realizado em algumas comunidades da Barquinha situadas nas cidades de Rio Branco-AC,

4 Luís da Câmara Cascudo (2002), define bendito da seguinte maneira: "Os benditos são cantos religiosos com que são acompanhadas as procissões e, outrora as visitas do Santíssimo. Denomina o gênero o uso da palavra "bendito", iniciando o canto uníssono."

⁵ Em nossa investigação em campo, não encontramos uma definição clara em relação aos conceitos de cada um desses nomes. Por exemplo, no contexto da Barquinha, é confuso diferenciar, conceitualmente falando, um salmo de um hino, ou até mesmo de um bendito. Entretanto, sabemos que, esses três últimos, são os cânticos entoados, geralmente, dentro dos cultos no interior do templo. Por outro lado, fica mais claro o entendimento do que seriam os pontos, que são uma espécie de “chamadas” entoadas no gongá (local aonde os médiuns trabalham incorporados com as entidades) e nos festejos (bailados, ou giras) com o objetivo de invocar as entidades, os orixás e etc..

Brasília-DF e Niterói-RJ, durante os anos de 2018 e 2019. Quanto a metodologia, optamos pelo método da observação participante, ou seja, acompanhando o dia-a-dia da comunidade, frequentando os rituais e entrevistando membros de diversos grupos ligados a esta linha religiosa. Coletamos dados e documentos que nos ajudassem a compreender melhor a formação e desenvolvimento desta tradição cultural e as questões de interesse desta investigação.

Adiante, o artigo está organizado, basicamente, em duas partes. Na primeira seção, fazemos uma contextualização sobre a Barquinha a fim de familiarizar o leitor com o nosso objeto de estudo, e fazer um levantamento bibliográfico com informações sobre a história desta tradição. Na segunda parte, primeiramente, descrevemos aspectos do universo musical deste seguimento religioso, e em seguida enfocamos o fenômeno mediúnico que envolve a constituição do repertório musical da casa. Não é de nosso interesse verificar a veracidade do fato afirmado pelos nativos quanto à manifestação de autores desencarnados,⁶ nos moldes como foi conduzida a investigação de Willin(1999),⁷ mas sim descrever esta realidade à luz do método etnográfico, buscando compreender, através do ponto de vista dos nativos, algumas questões de nosso interesse, por exemplo: como eles descrevem o fenômeno mediúnico que ali ocorre, o qual denominamos de *o ato de receber hinos*?⁸ Qual a diferença entre inspiração e música recebida espiritualmente? Acreditamos que os resultados desta investigação contribuirão com o debate em torno dos temas que estamos abordando, podendo servir de ponte para a realização de trabalhos futuros nestas áreas.

1. Contextualização: Daniel Pereira de Mattos, o fundador.

Segundo Sandra Goulart (2004), Daniel Pereira de Mattos nasceu em 1888, no estado do Maranhão, no município de São Sebastião da Vargem Grande, a 170 km de São Luís. A autora obteve estes dados com Francisco Hipólito de Araújo, atual

⁶ Desencarnado é um termo muito utilizado no Espiritismo para designar uma pessoa falecida, ou seja, a alma está fora da carne (matéria), num plano espiritual Para maiores informações sobre este assunto consultar: (MOURA, 1946).

⁷ Em suma, na sua tese de doutorado Willin (1999) procurou verificar se os fenômenos mediúnicos estudados por ele poderiam ser de fato verdadeiros, assim como afirmavam ser os médiuns envolvidos nos casos estudados, ou, se era algum tipo de fraude, alucinação psíquica, ou alguma outra causa explicável.

⁸ Por questões metodológicas, grafaremos em itálico os termos específicos utilizados dentro das análises referentes a esta investigação.

dirigente do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz - o primeiro Centro a ser instituído na linha da Barquinha - e que tem procurado atualizar os dados biográficos referentes à Mestre Daniel. Francisco Hipólito teve acesso a alguns documentos que comprovam a chegada de Daniel no Acre em 1907, e outros que indicam sua estadia na capital acreana ainda na primeira década do século XX.

Sabemos que Daniel foi marinheiro durante vários anos. Conta-se que foi por meio desta profissão que ele veio se estabelecer no Acre. Francisco pesquisou alguns documentos junto à Marinha brasileira, os quais atestam que Daniel Pereira de Mattos chegou ao Acre pela primeira vez em 1905, no navio Benjamin Constant. Este realizava uma viagem de instrução de aprendizes de marinheiros, passando rapidamente pelo Acre e depois dirigindo-se para Europa e Jerusalém. Apenas dois anos após terminar este percurso, em 1907, o navio retornou ao Acre, trazendo novamente Daniel (...) O trabalho na marinha, bem como uma série de aspectos relacionados a ele, serão elementos fundamentais na formação de Daniel e influenciarão, de forma marcante, a religião organizada por ele no Acre. (p.116)

Mestre Daniel ficou conhecido como um homem habilidoso que exercia 12 profissões: construtor naval, carpinteiro, marceneiro, pedreiro, artesão, poeta, sapateiro, padeiro, cozinheiro, músico, barbeiro e alfaiate (ARAÚJO, 1999). Como músico, tocava violino, trompete, violão e clarineta. (MERCANTE, 2012). Conta-se que era boêmio e sofria problemas de saúde em razão do alcoolismo, e por este motivo teria ficado bastante enfermo. Foi diante deste momento difícil que Irineu Serra, fundador de uma tradição religiosa conhecida como “Santo Daime”, ofereceu a Daniel um tratamento com um chá considerado sagrado pelos adeptos desta doutrina.

Conta-se que, antes de dedicar-se à atividade religiosa, ele teve uma vida boêmia, sempre frequentando festas, nas quais sua presença era constantemente requisitada por ser um exímio violeiro. Francisco Hipólito de Araújo diz que sua primeira esposa, Maria Viegas, o abandonou exatamente devido ao seu vício da bebida e estilo de vida. Isto teria ocorrido em 1938, quando ela, sabendo que Daniel encontrava-se em mais uma de suas “noitadas”, fugiu acompanhada de seus filhos, voltando para o Maranhão, seu estado natal. Este, segundo Francisco, foi um dos acontecimentos que motivaram Daniel a aceitar o tratamento com Daime sugerido pelo Mestre Irineu. (Goulart 2004, p.115)

1.1. Breve histórico sobre Irineu Serra e a doutrina do Santo Daime

O maranhense Irineu Serra, (MACRAE, 1992) mais conhecido como Mestre Irineu (1892 – 1971), chegou ao Acre por volta do início do século XX. Seringueiro cuja alta estatura impressionava a todos trabalhou nas florestas acreanas extraíndo o látex na época da 1ª guerra mundial. É considerado o fundador da doutrina do Santo Daime (FRÓES, 1986), tradição religiosa fundada em 1930 no Acre que utiliza a



ayahuasca, (também conhecido como Daime, ou Santo Daime, ou santa luz entre outros nomes) bebida psicoativa produzida a partir da combinação do cipó *Banisteriopsiscaapi* (também conhecido como Mariri ou Jagube) com a folha *Psychotriaviridis* (também conhecida como Chacrona ou folha Rainha) (MERCANTE, 2012).⁹

Ao longo dos anos, a doutrina do Santo Daime foi se consolidando no Acre. Logo, começou a atrair pessoas de vários lugares do Brasil e do mundo. Atualmente, existem comunidades ligadas a este segmento religioso em vários estados brasileiros e em países como Holanda, Espanha, EUA, Canadá, Japão, entre outros.¹⁰ O grande responsável por esta expansão teria sido Sebastião Mota de Melo, um dos seguidores de Mestre Irineu e fundador do CEFLURIS (Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra).¹¹

Segundo as informações coletadas, em meados da década de 30, Daniel Pereira de Mattos bastante enfermo recebeu ajuda de Mestre Irineu, que ofereceu a seu conterrâneo um tratamento com o daime, em benefício de sua saúde. Para os fiéis, o daime é uma bebida sagrada, um sacramento, um santo remédio, que tem o poder de curar males do corpo e da alma. Esta experiência representou a iniciação de Daniel Pereira de Mattos com o Daime e sua trajetória espiritual.

1.2. Mestre Daniel e o livro azul

Antes da fundação de sua missão religiosa em 1945, Mestre Daniel teria tido uma experiência mística transcendental, que representaria o anúncio de uma missão religiosa a qual deveria cumprir na terra. São vários os relatos que abordam este acontecimento. Segundo o depoimento a seguir, foi por meio destas visões que Mestre Daniel recebeu orientações espirituais para fundar uma doutrina religiosa. Mestre Irineu teria dado todo o apoio ao seu conterrâneo fornecendo daime para que iniciasse sua jornada missionária. No depoimento coletado por Goulart (2004) vemos o seguinte:

“(...) estas visões se repetiam com frequência para Daniel, sobretudo quando ele estava sob o efeito da bebida alcoólica. Mas ele só foi compreender o significado das

⁹ Para maiores informações a respeito da biografia de Irineu Serra e da história da doutrina do Santo Daime, consultar: (MOREIRA e MACRAE, 2011)

¹⁰ Mais informações sobre a expansão nacional e internacional do Santo Daime pode ser obtidas através do sítio: www.santodaime.org

¹¹ Para maiores informações a respeito da biografia de Padrinho Sebastião de Melo e da história do CEFLURIS, consultar: (GOULART, 2004)

mesmas através de suas experiências com o Daime. (...) quando Daniel se submeteu ao segundo tratamento para seu alcoolismo, com o Mestre Irineu, “dentro da luz do Daime”, ele obteve uma “compreensão mais aberta, mais nítida daquelas visões. Ele resolveu, dentro desse segundo tratamento, tomar uma quantidade maior de Daime (...) Ele passou dois dias trabalhando, dois dias de miração lá no Alto Santo, com o Mestre Irineu (...) Ele queria esclarecer o que era aquela visão, aquela cena repetida na vida dele, de uma entidade mostrando para ele um livro azul (...) Foi, aí, nesse segundo tratamento, que ele teve uma compreensão mais clara, quando ele viu nitidamente a entidade lhe mostrando e lhe entregando o livro, dizendo que ali estava todo o significado de uma missão que ele haveria de cumprir sobre a Terra. A missão estava toda descrita naquele livro azul e, lá dentro do Alto Santo mesmo, ele começou a abrir o livro, a folhear, a descrever o que tinha nele” (p.117)

Ao que tudo indica, o livro azul que os seres espirituais teriam entregado ao Fundador representaria o hinário da Barquinha. Um livro em branco que viria a ser preenchido por Mestre Daniel e seus seguidores ao longo da trajetória desta missão religiosa com letras e versos melodiosos.

1.3. A capelinha de São Francisco e os primórdios da Barquinha

No ano de 1945, Mestre Daniel foi residir em Vila Ivonete, uma região remota da cidade de Rio Branco no Acre. Lá teria iniciado sua jornada missionária, prestando caridade às pessoas que batiam à sua porta em busca de ajuda. Eram caçadores, seringueiros, viajantes, crianças e todo tipo de gente que ouviam falar da sua fama de bom rezador e curador. Construiu uma capelinha de taipa e palha em homenagem a quem ele considerava o mentor de sua missão: São Francisco das Chagas (São Francisco de Assis).

“Ele começou a rezar nessas pessoas, para tirar panema dos caçadores e nas crianças que vinham com quebranto” (...) com o tempo, a fama de Daniel, de bom rezador, se espalhou. Muitos não retornavam, mas houve os que ficaram. O seu primeiro seguidor foi José Joaquim, que depois receberia a designação de “frei”. Mais tarde, chegariam Augustinho Henrique Paiva, Elias Côrrea, Anelino, formando um conjunto de quatro membros da “Capelinha de São Francisco”, dirigida pelo Mestre Daniel. (...) Com o auxílio da rabeça dele, do seu violino, ele foi acertando as melodias (...) Conforme ele ia recebendo o hinário, os irmãos iam chegando”. (...) As rezas, o Daime, os hinos faziam com que cada vez mais pessoas procurassem Daniel para serem “curadas”. Como disse o próprio Antônio Geraldo numa outra ocasião, “o pessoal foi dizendo que em tal parte tinha um velhinho, assim preto, que rezava em criança muito bem (...), tocando aqueles hinos bonitos”. Desta forma, “foi aprovado o serviço dele, e ele curou muita gente. (Goulart, 2004, p. 119 – 120)

Conforme os relatos obtidos, com o passar do tempo a comunidade se estruturou, e aos poucos foi crescendo o número de adeptos. Ao longo dos anos, Daniel e seus seguidores, foram recebendo os hinos. O insipiente segmento religioso começou a ganhar fama na cidade. Relatos também apontam que a missão sofreu preconceito e perseguição por parte da sociedade. Muitos hinos expressam no

conteúdo da mensagem esse sentimento de alguém sendo oprimido por outrem, como por exemplo, no trecho deste hino:

Maria de Nazaré

Daniel Pereira de Mattos



Muito alguém fala de mim e desta casa
Quem tem boca diz o que quer.
Sei que o dono desta casa
É Jesus Nosso Senhor e a Virgem Mãe Maria de Nazaré.¹²

Daniel Pereira de Mattos faleceu em 08 de setembro de 1958. Conta-se que, em virtude da morte do líder espiritual, a comunidade formada por seus inúmeros seguidores, passou por momentos difíceis de dúvidas e incertezas com relação ao futuro do grupo. No entanto, decidiram dar continuidade ao trabalho missionário de seu Mestre. Em 20 de janeiro de 1959, Antônio Geraldo da Silva assumiu a liderança da comunidade. Nesse período, foi instituído o que seria o primeiro centro ligado a Barquinha: o Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz Segundo Goulart (2004):

Grande parte da estrutura ritual desta linha foi organizada depois do falecimento do Mestre Daniel, e durante o período em que o centro criado por ele passou a ser dirigido por Antônio Geraldo (...). Contudo, os elementos básicos do culto e da doutrina foram deixados por Daniel. Entre estes, destacam-se as “obras de caridade”, com a orientação para se fazer a “doutrinação” de almas e espíritos. As recomendações do Mestre Daniel culminaram na organização de cerimônias específicas para a execução desses “trabalhos espirituais”. Assim, atualmente, em todos os grupos da Barquinha ocorrem rituais de “Concentração” e “Caridade”, realizados em geral semanalmente, o primeiro nas quartas-feiras e o segundo nos sábados. A estrutura de ambos rituais é similar. (p. 122)

Como foi dito anteriormente, dissidências e ramificações deram origem a novas comunidades ligadas a esta tradição religiosa ao longo dos anos.¹³ Nesta

¹² As partituras e as letras dos hinos que estamos transcrevendo aqui são resultantes da nossa pesquisa de campo em uma comunidade da Barquinha, o Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte. Tivemos acesso ao hinário e gravações de áudio e vídeo do referido Centro. Cabe ressaltar que, possivelmente, existem diferenças entre os hinários das diversas comunidades da Barquinha no que se refere à letra e a aspectos musicais como melodia, métrica, ritmo e etc.

investigação, optamos por enfatizar os três centros mais conhecidos da Barquinha. Em 1977, Manoel Hipólito de Araújo assume a presidência do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz (CECOCJFL).¹⁴ Mestre Antônio Geraldo se desliga do CECOCJFL, para fundar em 20 de janeiro de 1979 o Centro Espírita Daniel Pereira de Matos (CEDPM). No ano de 1991, após 34 anos de compromisso, Francisca Campos do Nascimento, mais conhecida como Chica Gabriel, uma das principais médiuns da casa se desligou do CECOCJFL para fundar o Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte (CEOCPE). Conforme as informações que conseguimos, o nome do Centro seria uma homenagem ao guia espiritual que a acompanha desde os primórdios de sua trajetória dentro da missão, o Príncipe Espadarte do Mar, também conhecido como Soldado Guerreiro Príncipe Dom Simeão.

2. A música da Barquinha

A música é um elemento fundamental na missão de Mestre Daniel. Por meio dela, esta tradição religiosa se desenvolve, criando-se e recriando-se ao longo do tempo. É por meio dos cânticos durante os rituais da Barquinha que a doutrina da igreja é transmitida aos adeptos ao longo do calendário ritualístico. Os ensinamentos, as orientações, a moral cristã, as revelações, as curas, os tratamentos e o desenvolvimento dos médiuns ocorre em função da performance musical. O repertório executado na igreja está em constante transformação, pois com o passar do tempo os médiuns vão recebendo novos cânticos, novas mensagens, novas melodias que vão ampliando o conjunto doutrinal da casa.

O acompanhamento musical tem como função dentro deste contexto o adorno das mensagens sagradas contidas nos cânticos. As mensagens em forma de melodias, neste caso, são o elemento principal. Os demais elementos musicais que acompanham a cantoria são secundários (harmonia, ritmo, métrica e etc.). Entretanto, este acompanhamento que serve para valorizar os textos melódiosos entoados, tem, naturalmente, grande importância.

Dentro do universo das religiões ayahuasqueiras, notamos que a música tem sempre um papel muito importante dentro de seus respectivos rituais. No livro

¹³ Para maiores informações acerca das dissidências e ramificações na Barquinha, consultar (GOULART, 2004) e (ASSARICE DOS SANTOS, 2017).

¹⁴ Por questões de metodologia, daqui por diante vamos utilizar as siglas iniciais dos Centros ligados à Barquinha que vão ser constantemente mencionados no texto para nos referir aos mesmos.

“Música brasileira de Ayahuasca” (LABATE e PACHECO, 2009) os autores descrevem as relações destas tradições culturais com esta arte.

O papel preponderante que a música ocupa no cotidiano destas religiões, na produção dos significados religiosos e na construção do corpo e da subjetividade dos adeptos – como, por exemplo, pela intensificação de mirações, da eclosão de sentimentos diversos, como tristeza, êxtase e comunhão, além da exploração subjetiva interior, revelação religiosa e etc. – indica que a dimensão musical merece maior atenção. O objetivo deste trabalho é oferecer uma visão panorâmica dos aspectos musicais do Santo Daime e da União do Vegetal, abordando o papel da música na experiência religiosa destes grupos (...) (p. 18)

Entretanto, os autores deixam de fora desta análise a Barquinha por causa da pouca experiência deles com esta linha religiosa. “*Tais exclusões implicam uma perda; esperamos que futuros trabalhos possam preencher essa lacuna*”(LABATE e PACHECO, 2009, p. 19). A ausência de trabalhos que abordem de forma mais aprofundada a música da missão religiosa fundada por Mestre Daniel foi uma das razões que nos motivou realizar esta investigação.

Os rituais da Barquinha se apresentam, basicamente, de duas formas: o culto e as festas. No primeiro caso, os cultos dentro do templo¹⁵ representam a forma mais comum, quando a irmandade se senta ao redor de uma mesa em forma de cruz. Uma pessoa, o puxador, conduz a performance do cântico do hinário, enquanto os demais membros presentes entoam o coro¹⁶ em uníssono e, geralmente, os músicos fazem um acompanhamento rítmico-harmônico. Cada hino cantado é sucedido de uma prece.¹⁷ A segunda forma são os rituais festivos, conhecidos como “Bailado”, momento em que são cantados os pontos, enquanto os participantes bailam, girando em torno do salão. Dentre as diversas comunidades da Barquinha, observamos diferenças na ritualística. Muito provavelmente; isso se deve ao estilo peculiar de cada liderança, que põe ou tira elementos conforme sua visão cosmológica, crenças, ou opiniões.

Na prática de conjunto, por exemplo, encontramos diferenças significativas de uma comunidade para outra. No CEDPM, tanto nos cultos dentro do templo, quanto nos festejos (bailado), observamos que um teclado (sintetizador) é utilizado para produzir um playback com a maior parte dos timbres que compõe o

¹⁵ Cada culto tem um significado e um objetivo de acordo com o calendário ritualístico de cada comunidade da barquinha. Por exemplo, datas festivas de algum santo cultuado na casa, Natal, entre outras, além disso, tem os cultos “normais” que acontecem ao longo do ano, por exemplo: os cultos de instrução às quartas-feiras, as Obras de Caridade aos sábados entre outros. Para maiores informações sobre isso consultar: (ARAÚJO, 1999), (ASSARICE dos SANTOS, 2017) e (MERCANTE, 2012).

¹⁶ Pode ser um trecho do hino, geralmente, o último verso, ou, em alguns casos um refrão que se repete a cada estrofe cantada.

¹⁷ Considera-se como uma prece, geralmente, um Pai Nosso e Ave Maria, ou, uma Salve Rainha, ou, um Credo. Em algumas comunidades, canta-se uma antífona.

acompanhamento rítmico – harmônico (baixo, órgão, bateria, piano entre outros sons). Por sua vez, no CECOCJFL, todo acompanhamento rítmico – harmônico é feito *in loco*, ou seja, sem o auxílio de um playback. Durante nossa observação identificamos os seguintes instrumentos sendo utilizados nos rituais: Dentro do templo (cultos) – Contrabaixo elétrico, violão de nylon, violão de aço, cavaquinho, bandolim, sanfona, cajon, flauta transversal; Nos festejos (bailado):baixo, violão de nylon, violão de aço, cavaquinho, bandolim, sanfona, flauta transversal, zabumba, Congas e um set de percussão. Já no CEOCPE, o acompanhamento rítmico – harmônico também é feito “ao vivo”, e quanto à banda, observamos que nos cultos há uma configuração parecida à do CECOCJFL, com a exceção do cajon, ou seja, dentro do templo não há utilização de instrumentos de percussão. Já nos festejos, o bailado tem características semelhantes aos rituais de umbanda e, geralmente, conta com a presença dos seguintes instrumentos: atabaques, djembê, agogô, caxixi, cavaquinho, violão e contrabaixo elétrico.

2.1. Música mediúnica: O “ato de receber hinos”

Os membros da Barquinha afirmam que os cânticos pertencentes ao hinário da casa são recebidos espiritualmente, ou seja, a autoria das composições são atribuídas à fontes sobrenaturais. Como dissemos no início, não é de nosso interesse verificar a veracidade do fenômeno paranormal que estamos abordando, mas sim, tentar descrevê-lo tal como os membros da Barquinha o relatam, contribuindo assim com o debate em torno do tema trabalhado por Willin (1999).

As mensagens seriam trazidas por almas de membros da doutrina que já faleceram, inclusive o próprio Daniel Pereira de Mattos, além de entidades que compõe o panteão da casa no plano espiritual (preto-velhos, caboclos, erês, missionários católicos, bispos, arcebispos, encantos do céu, das florestas e do mar). Mestre Daniel teria recebido inúmeros hinos no período em que cumpriu sua missão religiosa. Além dele, vários de seus seguidores seguem na mesma prática, recebendo espiritualmente tais mensagens. Sandra Goulart (2004) aborda bem este assunto:

De 1945 até o seu falecimento, em 1958, o Mestre Daniel recebeu cerca de duzentos hinos ou salmos, como estas músicas são mais frequentemente denominadas. De um modo geral, elas são entendidas como o resultado de um processo mediúnico, estimulado pelo consumo do Daime. Frequentemente, os integrantes da Barquinha utilizam, também, a noção de “psicografia” para explicar o ato de “receber hinos”, indicando a presença da crença em seres espirituais que transmitem aos médiuns letras e melodias musicais. Nesse sentido, um hino tem sempre seu “dono”, que é um ente sobrenatural específico. (p.120)

Na comunidade em que realizamos a maior parte do trabalho de campo, o CEOCPE, conversamos com vários médiuns que afirmam ter recebido tais mensagens. Nas entrevistas realizadas, procuramos entender este fenômeno paranormal a partir do ponto de vista deles. Entretanto, antes de prosseguirmos com esta análise, seria importante definir o conceito de paranormalidade. Melvyn J. Willin em seu *PhdParamusicology: Aninvestigationofmusicand paranormal phenomenadefendido* no Departamento de Música da Universidade de Sheffield em fevereiro de 1999, se debruçou sobre este assunto. Para o autor, existe uma dificuldade considerável quanto à definição do termo “paranormal” e os pesquisadores tem interpretações diferentes acerca do mesmo.

C. J. Ducasse cunhou o termo para estabelecer diferenças entre questões psicológicas e parapsicológicas, mas há problemas encontrados ao se classificar os fenômenos como “normal”, “anormal” ou “paranormal” (Braude, 1979). Eventos normais podem ser incomuns, na medida em que são pouco frequentes (por exemplo, eclipses), mas não são mais vistos como anormais ou paranormais, pois a ciência agora entende por que e quando acontece. Se eles ocorrerem em locais inapropriados (por exemplo, um terremoto grave no Reino Unido), pode-se alegar anormalidade, mas o evento, provavelmente, não seria descrito como paranormal, pois a ciência afirma entender a causa de tais questões. (...) Contudo, relatos de aparições, comunicações espirituais, seres sobrenaturais e outros eventos fora da ciência "convencional" costumam ser considerados paranormais, se não for encontrada uma razão normal para o fenômeno. (p. 1-2)

Em campo entrevistamos um médium que afirma já ter recebido mais de 100 hinos. Seguindo a linha de raciocínio exposta acima e correlacionando-a com o nosso estudo de caso, poderíamos dizer que para este nativo trata-se de algo normal, pois sendo um evento bastante recorrente, ele tenderá a relatar e entender tais experiências com naturalidade. Por outro lado, numa situação hipotética na qual um pesquisador com interesse em comprovar a veracidade do fenômeno que estamos abordando e que se deparasse durante sua pesquisa com uma situação na qual não encontrasse os recursos capazes de explicar empiricamente suas causas, poderia qualificar tal fenômeno como paranormal. Uma vez que a ciência “convencional” ainda é incapaz de explicar a natureza dos fatos espirituais, são considerados metafísicos. Portanto, qualificar um fenômeno como normal, anormal ou paranormal dependeria também do ponto de vista de quem observa o fenômeno.

Historicamente, diferentes indivíduos, grupos e culturas produziram suas próprias definições e explicações sobre eventos supostamente paranormais, com base nos sistemas de crenças, suposições e experiências predominantes (Clarke, 1995). Por exemplo, um espírita pode muito bem aceitar uma conversa "normal" com almas que partiram, enquanto que os não-espíritas podem descrever isso como ilusão ou como atividade paranormal. Ao contrário da maioria das crenças ocidentais, algumas culturas orientais aceitam a reencarnação como parte do 'plano da vida' e

estudos sérios estão sendo realizados nesse campo (por exemplo, Stevenson, 1975, 1977, 1980, 1983). (Willin, 1999, p. 3-4)

O pesquisador investigou diversos fenômenos ditos paranormais na tentativa de comprovar a veracidade dos mesmos, apresentando na conclusão de seu trabalho os seguintes resultados: em alguns dos casos investigados descobriu-se que os mesmos eram falsos; em nenhum caso foi possível afirmar que o fenômeno seria verdadeiro; nos casos em que não havia comprovação da presença de fraude explícita, não foi possível comprovar sua falsidade.

Portanto, embora a evidência conclusiva da natureza paranormal dos fenômenos não tenha sido estabelecida, ela não pode ser totalmente descartada. Se essa tese não descobriu respostas definitivas para perguntas sobre a natureza, existência e percepção da música paranormal, ela forneceu um tratamento mais sistemático do assunto do que o anteriormente disponível e uma base para a realização de pesquisas futuras. (p. 200-201)

2.2. Descrição do fenômeno à luz do método etnográfico e algumas reflexões.

Conforme os relatos colhidos entre os membros da comunidade, o *ato de receber hinos* seria, em suma, uma forma de comunicação transcendental, em que o receptor da mensagem é um ser humano encarnado, e o emissor uma fonte sobrenatural. Este tipo de fenômeno mediúnic que, supostamente, acontece na Barquinha é muito semelhante ao que ocorre no espiritismo. A pesquisadora Edileide Bezerra do Nascimento (2014), explica como Allan Kardec, considerado como o codificador da doutrina espírita, classifica os tipos de mediunidades por ele identificados:

No capítulo XVI do Livro dos Médiuns, Kardec apresenta um quadro sinótico dos principais gêneros de mediunidade, as diferentes variedades mediúnicas, pelas semelhanças de causas e efeitos, embora afirme que não se trata de uma classificação absoluta. E salienta que esta classificação foi trazida pelos espíritos. (...) classifica os médiuns em duas grandes categorias: médiuns de efeitos físicos: os que têm poder de provocar efeitos materiais, ou manifestações ostensivas e os médiuns de efeitos intelectuais: os que são mais aptos a receber e a transmitir comunicações inteligentes. Os médiuns de efeito intelectuais são classificados da seguinte forma:

| | |
|----------------|--|
| Falantes | Os que falam sobre influência dos espíritos. Hoje é conhecida pelo nome de Psicofonia. |
| Audientes | Os que ouvem os espíritos. |
| Videntes | São os veem os espíritos em estado de vigília. |
| Inspirados | Recebem os pensamentos sugeridos pelos Espíritos, na maioria das vezes, sem o saberem. |
| Pressentimento | Têm uma vaga intuição de acontecimentos vulgares do futuro. |

| | |
|-------------------------|--|
| Proféticos | Recebem revelações de acontecimentos futuros, de interesse geral, em fins instrutivos. |
| Sonâmbulos | Os que, em transe sonambúlico, são assistidos pelos Espíritos. |
| Extáticos | Recebem revelações dos Espíritos, em estado de êxtase. |
| Pintores ou desenhistas | Os que pintam ou desenham. Hoje, denomina-se, mais frequentemente, de Psicopictoriografia, Psico-pictoriografia, ou Pintura Mediúnica. |
| Musicais | Executam, compõe ou escrevem músicas, sob a influência dos Espíritos. |
| Psicógrafos | Escrevem sob a influência dos Espíritos. |

(p. 34-35)

De acordo com as informações coletadas, na Barquinha é muito rara a ocorrência de médiuns de efeito físico. Por outro lado, ocorre com mais frequência relatos a respeito de médiuns de efeitos intelectuais. A psicofonia, por exemplo, é uma prática comum na Barquinha. No CEOCPE, obtive informações indicando que, na comunidade, as incorporações são conscientes, ou seja, geralmente, o aparelho não perde a consciência ao incorporar um espírito. Em campo, foi possível identificar casos de Psicopictoriografia ou Pintura Mediúnica. Como no casoda pintura que exporemos a seguir, que, segundo os meus informantes, foi feita por médiuns da casa sob a influência dos espíritos:





Pintura de Frei Daniel e o livro azul feita por Selene Fortini, membro do Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte

Também foi relatado a ocorrência de psicografias no CEOCPE. No exemplo que colocamos a seguir, temos uma suposta mensagem de Daniel Pereira de Mattos, recebida por um médium em novembro de 2001:

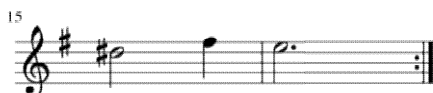
“Em um dia muito lindo, andando um pouco descontraído, sentindo em meu corpo a brisa do dia, contemplei um passarinho que voava. Não muito distante dali ele pousava. E com um cântico encantador, que chamava ainda mais a minha atenção, ele solava uma linda canção com um silvo muito longo, que não dava espaço nem para seu fôlego, pois a melodia que ele entoava era a mais linda que já havia escutado. Então eu pensei: se esse passarinho tem a capacidade de me encantar com o seu cântico maravilhoso, é porque existe nele o dom de Deus. Será que também não existe em mim o dom da harmonia e da sintonia? Peguei então um violino que há muito tempo me acompanhava. Me posicionei, e elevei o meu pensamento a Deus. Meus dedos navegavam como se fossem plumas sobre as cordas. E o ritmo se propagava como se fosse à batida do meu coração. Percebi então que esta sincronia dava direção a uma linda canção, que nela contemplava as belezas e maravilhas do universo. Como se fosse um sonho eu viajei nas palavras que destrinchava aquela bela canção, daí pude perceber que o dom divino está exposto para todos dentro de sua Criação. E ao terminar a linda canção, percebi a alegria da natureza e de todos seus habitantes, pois naquele momento eu estava descobrindo a mim mesmo, e a passara estava em festa, naquele momento eles representavam os olhos de Deus. E o dom divino estava exposto no meu ser, para a partir daquele momento eu me preparar para receber as mensagens divinas, e ensinar ao meu próximo como amar a Jesus, fazendo a caridade para aqueles que me procurassem. E dividi o pão com aqueles que tivessem fome. Por isso eu cumpri, e da minha chama foi se propagando a luz do meu coração e o amor dos meus irmãos, para que essa doutrina pudesse continuar que fosse passando de geração a geração até o dia em que fosse determinado. Por isso meus filhos não se abalem e façam penitência. Porque o Pai prometeu e sua palavra há de se cumprir.”

O ato de receber hinos se encaixaria na classificação de mediunidade musical. Observamos que, no geral, as mensagens são versos melodiosos em que o conteúdo textual aborda desde preceitos da moral cristã, orações, súplicas, veneração a santos católicos, veneração a entidades espirituais, veneração à natureza e à criação divina como um todo, entre outros. Geralmente, o conteúdo da mensagem é uma narrativa que possui um interlocutor. Em campo, analisando o hinário do CEOCPE verificamos, pelo menos, duas situações distintas em torno deste fenômeno e que merecem uma reflexão mais aprofundada. A primeira, é quando um médium recebe um hino cujo interlocutor da narrativa é ele próprio, Vejamos um trecho de um hino recebido por Mestre Daniel:



Culto Santo

Daniel Pereira de Mattos



Eu estou firme no Culto Santo Que tenho por devoção
Deus abençoe as minhas preces Da alma ao coração.

O divino Pai Eterno
Para nos dar a salvação
Mandou preparar os caminhos Para Jesus, por São João.

São João preparou a doutrina
E em tudo testificou a luz
E lá no Rio de Jordão
Ele batizou Jesus

São João nos abençoe
E nos dê caminhos de luz
Seja vós o nosso guia
Para os santos pés de Jesus ¹⁸

Nesse caso, segundo nossa interpretação, o receptor da mensagem é também o seu interlocutor. A narrativa contém revelações sobre aspectos da fé cristã que são agregadas a doutrina compondo assim o universo cosmológico da Barquinha. Tais textos sagrados seriam transmitidos aos médiuns sobrenaturalmente em forma de melodias. Vejamos outro exemplo no trecho do hino que segue:

¹⁸ Vale ressaltar, que as melodias que estão transcritas nas partituras aqui neste artigo, servem apenas como referência, pois pode haver algumas nuances entre as estrofes de cada hino no que se refere ao ritmo, métrica e a própria melodia.

A Preparação

Antônio Geraldo da Silva



No silêncio da noite um galo cantou
Ouvi um som de uma corneta a tocar
E uma voz assim dizia: foi a Virgem Maria
Quem mandou o anjo avisar

O galo cantou e tornou a cantar
E o santo anjo assim falou
Ele assim dizia: Está pra chegar o dia Da volta do nosso
Salvador.

Meus irmãos amigos eu estou nesta casa
Trabalhando com esta santa luz
Limpando as matérias e preparando nossas almas
Para a volta do nosso Senhor Jesus

Meus irmãos amigos não querem acreditar Na santa luz desta
sessão
Mas, nesta obra eu explico, ela nos testifica Que esta luz é o
caminho da salvação.

Nesse hino, recebido por Mestre Antônio Geraldo, observamos que ele está narrando a mensagem, numa espécie de relato. O texto narrado pelo receptor expõe uma experiência mística dele, que resultou em versos melodiosos que relatam a mesma. Esta modalidade, na qual a pessoa que recebe o hino é o interlocutor da narrativa, se difere da segunda situação que exporemos a seguir, em que o narrador da mensagem é o próprio emissor. Vejamos um trecho de um hino recebido por uma médium da casa:

Dom Tubarão Branco

Rei Gaspar do Mar



O meu pai me ordenou nesta casa eu trabalhar
Trabalho com firmeza nos mistérios do mar

Deus vos salve a Casa santa que meu Pai preparou
Salve o cálice bendito que ele consagrou

Para todos os meus irmãos, sou um velho Tubarão O meu nome é
Rei Gaspar, venho com São João.

Neste hino o receptor (médium) teria canalizado uma mensagem de uma entidade que se apresenta como “Rei Gaspar do Mar”, também conhecido como “Dom Tubarão Branco do Mar” (o emissor). Neste caso espírito se identifica e é o interlocutor da narrativa. Vejamos outro exemplo disto no trecho do hino recebido por um membro da casa no ano de 2003, o mensageiro foi o Mestre Antônio Geraldo, a esta altura já falecido desde 28.08.2000.

Mistério Sagrado

Antônio Geraldo da Silva



Meus irmãos hoje eu venho baixando
Com alegria e amor no coração
Venho trazendo um mistério sagrado de luz
Para ofertar a todos irmãos

Quando vivi em vida de matéria



Ensinando a amar com o coração
Eu cantava e tocava com santa harmonia
Lindos salmos de adoração

Pois Jesus enviou os seus mensageiros Para me entregarem na
luz
Cada salmo que eu recebi, meus irmãos
Foram dádivas do amor de Jesus

Vou subindo na paz, amor no coração
O mistério sagrado eu deixo com os irmãos Sou o Mestre
Antônio Geraldo, irmãos
Que decanto esta linda canção.

Tal como podemos depreender a partir da bibliografia consultada, o *ato de receber hinos* não é algo que aconteceria exclusivamente na Barquinha. Na doutrina do Santo Daime, identificamos a ocorrência de fenômeno semelhante. Rodrigo Sebastian de Moraes Abramowitz (2003) - em dissertação de mestrado em musicologia: *Música e Miração: uma análise etnomusicológica dos hinos do Santo Daime* - buscou identificar as relações entre música, miração (transe), ritual, cultura e comunidade desta linha religiosa fundada por Mestre Irineu. O autor levanta a hipótese de que os hinários seriam “biografias musicais” de seus respectivos receptores.

“O que chamo aqui de hipótese das biografias musicais é uma tentativa de interpretar os hinos que, segundo os adeptos, são “recebidos” de entidades do “astral” como um relato da experiência do recebedor, nos rituais e na vida cotidiana. Observo que o hino possui várias funções (ver capítulo 4). Esse aspecto de expressão da experiência humana também cumpre determinadas funções, pois cria nas pessoas que ouvem, cantam e tocam os hinos uma identificação com aquela experiência. Isso, juntamente com a bebida enteógena, pode levar a revelações (insights) sobre o momento que a pessoa está vivendo, em diversos campos, como o espiritual, o psicológico e o profissional.” (2003, p. 22)

De fato, o fenômeno (*ato de receber hinos*) que ocorre nestas duas tradições religiosas amazônicas são bem semelhantes. Em campo, analisamos muitos hinos recebidos por Daniel Pereira de Mattos, Antônio Geraldo da Silva (Barquinha), além dos hinários de Irineu Serra e Sebastião Mota de Melo (Santo Daime). Comparando-os, percebemos que, no geral, o personagem das narrativas são os receptores que a maioria das mensagens abordam temas relativos às experiências individuais de cada um deles, corroborando assim com a hipótese levantada pelo pesquisador. Muito provavelmente, uma das causas desta tendência seria o fato dos citados nomes terem sido os líderes destas doutrinas religiosas, tendo, portanto, autonomia e autoridade

para serem os interlocutores das mensagens direcionadas aos fiéis por meio dos hinos.

Em seguida, o autor expõe uma possível solução para um problema relacionado à hipótese por ele levantada quando da análise de um determinado hino recebido por Mestre Irineu. De acordo com a narrativa, temos um provável diálogo entre o receptor (Mestre Irineu) e uma entidade chamada “Flor das águas”, conforme o trecho a seguir:

Flor das Águas

Irineu Serra



Flor das Águas da onde vens para onde vais.
Vou fazer minha limpeza
No coração está meu pai

Segundo Abramowitz (2003):

A pergunta que Mestre Irineu faz ao espírito das águas, que entendemos ser uma entidade feminina, é: "Flor das águas / Da onde vens para onde vais[?]" e a resposta é "Vou fazer minha limpeza / No coração está meu pai" Vejo aqui um caso de hino onde aparece o discurso do recebedor e o discurso da entidade da qual o hino é recebido. Acredito que essa fusão das pessoas do discurso "eu" (recebedor) e "ela" (entidade), que aparece no hino 126, pode solucionar um problema relacionado à hipótese das biografias musicais - como poderia o hino falar sobre o recebedor, sendo um recebimento de entidades do astral? Nesse hino e em outros encontrase espaço para o discurso de ambos (do recebedor e da entidade da qual o hino é recebido) (p. 115 – 116)

A narrativa dos hinos (...) dá voz ora ao recebedor, ora à entidade da qual ele está recebendo o hino. Essa fusão das pessoas do discurso parece apontar uma solução para o problema de os hinos serem, a um só tempo, recebimentos de entidades do “astral” e testemunhos da trajetória pessoal do recebedor. (2003, p.167)

Observamos que na doutrina do Santo Daime e também nos primórdios da Barquinha prevaleceu a modalidade de recebimento identificada na primeira situação que expomos acima, na qual o médium (receptor) é também o interlocutor da narrativa. Entretanto, no CEOCPE está prevalecendo a segunda situação, na qual o espírito (emissor) é quem narra a mensagem. Provavelmente, esta nova tendência pode ser entendida pelo fato de o *ato de receber hinos* ter se tornado um fenômeno que ocorre com bastante frequência nesta comunidade, não somente com a líder da comunidade, mas também com vários membros do grupo. Isso pode ser explicado em virtude da excessiva quantidade de médiuns que ocorre ali. De acordo com nossa pesquisa, Dona Chica Gabriel, em razão de sua intensa atividade como médium, ao

fundar sua própria comunidade, estabeleceu ali um celeiro de membros com a mesma capacidade, e com grande frequência de devotos interessados em aperfeiçoar suas qualidades mediúnicas. Em geral, no CEOCPE os médiuns da casa não recebem uma preparação específica para se tornarem “aptos” para receberem os hinos. Entretanto, pode-se considerar que este “preparo” está implícito nas orientações gerais que todos os membros recebem por meio dos ensinamentos que chegam através dos hinos e das palestras da dirigente e das entidades.

Considerando o que foi apresentado até este ponto, penso ser necessário trazer à baila o pensamento de mais um pesquisador para o debate, o que nos possibilitará uma melhor compreensão do fenômeno analisado. Lucas Kastrup (2007), em seu artigo

“Receber não é compor, Música e emoção na religião do Santo Daime”, também aborda esse tema.

De acordo com o discurso nativo, receber um hino é absolutamente diferente de compor uma música, isso porque em uma composição, ainda que possa existir o fator da “inspiração” ou até mesmo da “intuição”, o compositor é sujeito do processo de autoria, estando apto a experimentar, alterar e influenciar a música em todas as suas dimensões: rítmica, harmônica, melódica e poética; sentindo-se de alguma forma o seu proprietário, aquele que “faz”, “cria” e/ou “inventa”. Já para os seguidores do Santo Daime, os hinos seriam dádivas de seres sobrenaturais que as oferecem para os adeptos – neste caso chamados de “aparelhos” – que apenas “recebem” para então cantar em conjunto com outros membros do grupo. (2007, p. 187)

A afirmação de que receber um hino é absolutamente diferente de compor uma música, em parte encontra semelhança com o caso da Barquinha, principalmente, no que se refere aos hinos que são recebidos na casa cujos interlocutores são os espíritos, ou seja, os próprios mensageiros, pois nesses casos fica implícito que a autoria das composições são dos emissores, e os médiuns apenas canalizariam tais mensagens. Já no caso da modalidade de recebimento na qual os próprios receptores são os interlocutores nem sempre fica claro à autoria da composição. Vejamos o que Kastrup (2007) diz mais adiante:

Os depoimentos que coletei variam bastante em relação a uma definição da identidade dos “seres”, doadores originais dos hinos: Deus é citado, elementos da natureza como o sol, a lua, as estrelas, o vento, o mar, a floresta, assim como arquétipos católicos tais como Jesus Cristo, Virgem Maria, São João, São José, anjos e arcanjos e até antigos padrinhos como Sebastião Mota de Melo, o próprio Mestre Irineu ou entes queridos já falecidos – conforme apresentado em muitas letras de hinos – mas a resposta de uma das entrevistadas, que também não é única a descrever assim, ajuda a prosseguir com a minha análise: “[De quem você recebe seus hinos?] Eu imagino que seja do meu Eu Superior” (p. 192)

Diante de tudo que foi exposto até aqui e considerando a possibilidade de tratar-se de um fenômeno paranormal legítimo, algumas dúvidas ainda permanecem sem respostas: como, por exemplo a quem poderíamos atribuir de fato a autoria dos hinos que se enquadram na primeira situação que expomos mais acima, aos espíritos, aos próprios médiuns ou a ambos? O máximo que conseguimos detectar por meio da investigação, é a suposta ocorrência de um fenômeno místico-transcendental que dá origem a estes cânticos, entretanto é complexo entender a sua natureza. Esta inspiração que, muitas vezes, promove o *ato de receber hinos* nestas tradições religiosas não seria também vivenciada por tantos compositores, *performances*, artistas (de um modo geral) em diversos contextos culturais e sociais ao longo da história da humanidade? Ou, não seria este fenômeno, algo semelhante ao que ocorre em diversas tradições religiosas e que deram origem às escrituras sagradas, entre outras mensagens divinas que servem de base para a doutrina das mesmas?

No campo da teologia o fenômeno da inspiração sempre foi amplamente discutido e analisado. No artigo "Considerações sobre inspiração bíblica" Jones Talai Mendes e Eduardo da Silva Santos (2007) apresentam algumas considerações sobre o conceito de inspiração na esfera teológica.

Aproximar-se do conceito de "inspiração" sempre foi um desafio para a teologia de todas as épocas. Mesmo tendo consciência da dificuldade da tarefa, a teologia tem presente o fato da inspiração, pois é Deus mesmo que se revela, no decorrer do processo histórico, ao ser humano em linguagens acessíveis a esse homem, enquanto ouvinte da Palavra. E essa relação que se forma entre Deus e o homem, fruto da Revelação divina, é escrita num processo de transmissão para que chegue a todos, em todas as épocas. (p. 537 – 538)

Para os crentes, a bíblia conteria a revelação divina, que é transmitida aos homens através do fenômeno da inspiração. Na Barquinha, conforme a crença dos fiéis, teríamos uma situação semelhante uma vez que o hinário é considerado tal como uma bíblia, pois conteria a revelação divina que chegam aos membros por intermédio do *ato de receber hinos*.

Essa origem fontal da Escritura baseada em Deus e, de alguma forma, mediada pela figura do hagiógrafo, ou escritor sagrado, comumente é chamada de inspiração. Claro que ela tem que ser mais bem compreendida por aqueles que são os destinatários da Revelação, ou seja, as pessoas e as comunidades. Compreender melhor como isso ocorre é o propósito deste artigo. A Bíblia é considerada sagrada exatamente porque as pessoas concebem que ela é Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo e como tal guarda a mensagem de Deus ao seu povo. (Mendes e Santos, 2007, p. 538)

Segundo estes autores, o poder que a bíblia exerce no âmbito da vida eclesial da atualidade é derivado da convicção de que a mesma é inspirada por Deus. E isto foi

aceito, sem maiores problemas, até o sec. XVI, quando a Reforma veio questionar a autoridade do magistério da Igreja, reivindicando a autoridade da Bíblia, afirmando o “magistério da escritura”.

(...) o iluminismo trouxe controvérsias e discussões sobre o tema da inspiração da Bíblia. O racionalismo liberal e o humanismo impulsionaram a busca da verdade, por meio de explicações pretensamente científicas e racionais, ao abordar o estudo bíblico. Houve mesmo radicais afirmações, no sentido de negar a inspiração de Deus na Bíblia, ao dizer que o ser humano pode encontrar Deus unicamente através de suas capacidades e de estudos “científicos” das Escrituras. Houve mesmo uma tendência de separar o que era considerado Palavra de Deus e o que era palavra humana, a partir de um processo de “desmitologização” dos textos bíblicos, fazendo-se, para isso, um uso ostensivo da ciência. (...) Percebe-se, com nitidez, que “o termo inspiração necessita de explicação”, visto ser o mesmo, suscetível das mais diversas interpretações ao longo da história e ainda hoje. (p.538 – 539)

Mendes e Santos (2007, p. 539), afirmam que o capítulo III da *Dei Verbum*¹⁹ ensina que a Revelação que a Sagrada Escritura contém e oferece foi escrita sob a inspiração do Espírito Santo. No intento de buscar uma elucidação maior do significado dessa inspiração nos textos sagrados, o referido texto vai abordar pelo menos três tendências teóricas vigentes sobre o tema: a primeira que concebe a Bíblia como sendo totalmente divina, a segunda como produto somente da pessoa humana e a terceira como resultado da ação divina e humana.

Considerações finais

A nosso ver, o fenômeno que estamos analisando na Barquinha tem semelhança com o contexto histórico relativo à constituição e formatação dos textos bíblicos. A partir da análise destas três correntes de pensamento citadas no parágrafo anterior, correlacionando-as o *ato de receber hinos*, poderíamos apontar três hipóteses para tentar explicar a origem dos cânticos recebidos na modalidade *inspiração*. A primeira hipótese é que os hinos seriam totalmente divinos, ou seja, a composição estaria livre da contribuição humana; a segunda hipótese é que as mensagens seriam um produto exclusivamente humano, aonde o hagiógrafo (receptor) inspirado por um sentimento divino, ou uma experiência mística-transcendental comporia tais canções; a terceira hipótese é que a composição seria resultado das ações divina e humana, ou seja, o hino de fato pertenceria a uma fonte sobrenatural, porém a pessoa que recebe participa do resultado final da composição.

¹⁹*Dei Verbum* é um dos principais documentos do Concílio Vaticano II.



Nas análises realizadas durante toda investigação, percebemos que o *ato de receber hinos* possui certa dinamicidade quanto à sua natureza. Dentre as hipóteses levantadas acima não podemos descartar nenhuma delas, ou seja, é possível que qualquer uma das três possa ocorrer no contexto da Barquinha. Entretanto, como já foi dito anteriormente, não é o propósito deste artigo verificar o real significado do fenômeno analisado. Por ora, com base em tudo o que foi discutido aqui, o que podemos afirmar é que o *ato de receber hinos* é o que está promovendo a constituição e formatação do universo cosmológico desta tradição. Conforme a crença dos fiéis, é por meio deste fenômeno que os médiuns estariam recebendo e transmitindo as revelações divinas que estão sendo enviadas por Deus para estas comunidades. Nesta perspectiva, o hinário seria aquele livro azul que os seres angelicais teriam entregado a Daniel Pereira de Mattos em sua visão mística e transcendental e as páginas desse livro são os hinos, as mensagens melodiosas que os médiuns estariam recebendo ao longo da trajetória desta missão religiosa. Sendo assim, a Barquinha é uma tradição que tem na música a sua razão de ser e existir.

Referências Bibliográficas

- ABRAMOWITZ, Rodrigo Sebastian de Moraes. Música e Miração: Uma Análise Etnomusicológica dos Hinos do Santo Daime. Dissertação (Música) - Universidade do Rio de Janeiro, 2003.
- ARAÚJO, Wladimir S. Navegando nas Ondas do Daime: história, cosmologia e ritual na Barquinha. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 11. ed. ilustrada. São Paulo: Global, 2002.
- FRÓES, Vera. História do Povo de Juramidam: A cultura do Santo Daime. Manaus: Suframa, 1986.
- GOULART, Sandra L. Contrastes e Continuidades em uma Tradição Amazônica: as religiões da ayahuasca. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Unicamp, 2004.
- LABATE, Beatriz Caiuby. Música Brasileira de Ayahuasca / Beatriz Caiuby Labate, Gustavo Pacheco. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.
- MACRAE, Edward. Guiado pela Lua. Xamanismo Guiado pela Lua. Xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- MENDES, Jonas Talai, SANTOS, Eduardo da Silva, Considerações Sobre Inspiração Bíblica. Teocomunicação, v. 37, n. 158, p. 537-551. Porto Alegre, 2007.
- MERCANTE, Marcelo S. Imagens de cura: Ayahuasca, imaginação, saúde e doença na Barquinha. – Rio de Janeiro Editora: FIOCRUZ, 2012.



MOURA, Marta Antunes de Oliveira (Org), 1946 - Mediunidade: estudo e prática. Programa 1. 2. ed. — 1. imp. — Brasília: FEB, 2014.

PASKOALI, V. P. A cura enquanto processo identitário na Barquinha: o sagrado no cotidiano. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2002.

SANTOS, Ricardo Assarice dos. A híbrida Barquinha: Uma revisão da história, das principais influências religiosas e dos rituais fundamentais. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2017.

WILLIN, Melvyn J..Paramusicology: Aninvestigationofmusicand paranormal phenomn.,Ph.D (Musicology) - Universityof Sheffield, 1999.

Recebido em: 14/11/2019

Aprovado em: 13/12/2019